

ARTIGO

**“Verás que um filho teu não foge à luta”:
a família como metáfora para compreensão da ordem social**

Rossana Albuquerque¹

Resumo

O presente artigo analisa, a partir do eixo das relações de gênero, um fato ocorrido durante protestos realizados no Brasil, no período em que o país sediava a Copa do Mundo. “O pai que tirou o filho do protesto”, como ficou conhecido o fato, foi bastante divulgado pela imprensa e também nas redes sociais. O artigo discute, a partir dos eixos sugeridos por Raewyn Connel para pensar as relações de gênero em sua historicidade, como este fato pode expressar posições de gênero que possuem implicações para além do âmbito privado (família), revelando padrões/tensões nas instituições, seja quando elas operam para uma reprodução social ou caminham para tendências de crise. Em um contexto marcado por tensões políticas, o fato ocorrido nos permite observar como as relações de gênero atravessam o conjunto das instituições sociais e as constituem, tanto quanto são por elas constituídas.

Palavras-chave: Relações de Gênero, Família, Ordem Social

**“Thou wilt see that a son of thine flees not from battle”:
the family as metaphor to social order understanding**

Abstract

This article analyzes, from the axis of gender relations, a fact occurred during the protests performed in Brazil, in period in which the country was hosting the World Cup. “The father that removed the son from the protest”, as the fact was known, was wide covered by the press and by social networks too. The article discusses, from the axis suggested by Raewyn Connell to think about gender relations in its historicity, how this fact may express gender positions that have implications beyond the private sphere (family), revealing patterns/tensions in institutions, as they operate for a social reproduction or go toward crisis tendencies. In a context marked by political tensions, the fact occurred allows us to notice how gender relations cross the set of social institutions and constitute them, as are constituted by them.

Keywords: Gender relations. Family. Social Order.

1. O fato e o contexto²

Era 12 de junho de 2014, abertura da Copa do Mundo sediada no Brasil e, em várias cidades, ocorriam manifestações de rua. Em São Paulo, um protesto foi realizado nas

¹ Doutoranda em Sociologia pelo PPGS da UFSCar.

² Agradeço a Felipe Albiero, Marli Araújo e Tatiana Magalhães pela leitura crítica e sugestões feitas para o texto.

proximidades do estádio onde ocorriam a abertura oficial do evento e o jogo de estreia da seleção. Várias medidas consideradas como sendo de segurança, por parte do Estado, foram tomadas no período que antecedeu o evento esportivo, sintetizadas em um documento nomeado como Lei Geral da Copa³. Dentre elas, havia a delimitação do espaço de até onde as pessoas podiam se aproximar dos estádios onde os jogos aconteciam.

O processo de agitação política, na verdade, teve estopim um ano antes, no período que ficou conhecido como “As Manifestações de Junho”, quando ocorreram protestos de rua em várias cidades brasileiras, com pautas bastante variadas, incluindo financiamento público em saúde, educação, transporte público, movimentos de luta por moradia, direitos urbanos, discussões sobre os gastos públicos com a Copa do Mundo, etc. Os protestos desencadeados em junho de 2013 conseguiram expor uma tensão existente no Brasil, expressa por várias visões políticas, desde as mais conservadoras, às mais democratizantes. Em meio a essa pluralidade, um aspecto notável foi a massiva participação de jovens nas manifestações.

Uma análise sociológica do processo foi feita por Scalón (2013), que articulou dados de suas pesquisas, obtidos alguns anos antes, apontando uma série de mediações para a compreensão deste ascenso de tensões políticas evidenciadas no país a partir de junho de 2013. Uma de suas conclusões, que sinaliza uma espécie de divisor de águas na conjuntura sociopolítica mais recente, expõe as seguintes reflexões:

Mesmo desconhecendo os rumos que irá tomar o anseio de participação e mudança da sociedade brasileira e, em especial, dos jovens, atores principais desse processo, é possível chegar a uma conclusão: o Brasil não será mais o país que conhecemos antes do dia 20 de junho de 2013. Nessa data houve uma ruptura no consenso que amarrava todos nós à ilusão da igualdade e da democracia em nosso país, demonstrando que a opção pela agenda pautada no consumo e no crédito se tornou insuficiente para as demandas de justiça social. Essas amarras foram rompidas, assim como o consenso. Uma ruptura impossível de ignorar e, mais difícil ainda, de emendar. (SCALÓN, 2013, p. 202).

Ao longo do século XX, a juventude tem sido uma importante protagonista em processos de transformações políticas. O Maio de 1968 na França, por exemplo, notadamente protagonizado pela juventude, marcava uma revolução cultural com influências em vários outros contextos. Em um país desenvolvido, a juventude francesa recusava o *status* de sociedade de consumo que marcava o contexto da época. Questionava também as relações de poder existentes nas instituições e reivindicavam uma espécie de poder jovem. No Brasil, em vários momentos históricos os jovens têm participado ativamente das transformações

³ Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/biblioteca/pl_lei-geral-da-copa.pdf> Acesso em: 31 jul 2014.

políticas. A inquietação, muitas vezes, pode ser um indício de mudanças entre gerações, tanto culturais, ou mesmo políticas e econômicas. Tal inquietação pode exprimir que os padrões de uma geração anterior entram em contradição com um novo contexto. Mudanças mais profundas em um contexto são melhor visualizadas, muitas vezes, *post festum*.

Em 12 de junho de 2014, um protesto que reunia pautas ligadas ao transporte público de São Paulo e às implicações da realização do campeonato mundial no Brasil foi destacado pela mídia, com repercussões nas redes sociais. Não foi a pauta do protesto em questão que ganhara relevo no noticiário, e sim o fato de que um pai foi à manifestação com o objetivo de retirar o filho do local.

A imprensa destacou a ida do pai ao protesto e sua bem sucedida iniciativa de retirar o filho do ato público, em cerca de dez minutos de discussão e tentativas de convencimento. Em uma transmissão do canal televisivo *Globo News*, a âncora, auxiliada pelo repórter na rua, enfatizava que o fato servira de modelo para várias famílias:

Âncora: Foi muito bonito, porque muitos pais e muitos filhos puderam se identificar com essas cenas e foi uma aula de democracia, porque havia uma tensão no ar, mas era tudo na base do argumento.

Repórter: Isso mesmo, Leilane. Certamente muitas famílias se viram naquela situação pelo Brasil.⁴

Alguns dias depois, o programa televisivo *Fantástico* se dirigiu à residência da família e fez uma matéria, na qual a repórter entrevistava os membros, o pai motorista e a mãe professora, relembrando os detalhes ocorridos no dia do protesto, reforçando o lugar de autoridade dos pais em impedir que o filho de dezesseis anos tivesse participação naquele contexto.

Uma cena se destacou no dia da abertura da Copa. Em um protesto em São Paulo, um pai deu uma bronca no filho, para que o jovem saísse da manifestação. [...] Em meio a tantas manifestações contra a Copa do Mundo, que começou na quinta-feira (12), uma chamou a atenção em São Paulo: uma cena comovente em que os pais de um menino de 16 anos, desesperados, foram até o protesto para tentar convencê-lo a voltar para casa.

Foram quase dez minutos de discussão em família no meio do protesto.⁵

⁴Globo News entrevista pai que tirou filhos do protesto. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=UuvXjvlwENs>> Acesso em: 20 jun 2014.

⁵“Preocupação era a integridade física”, diz pai que buscou filho em protesto. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/06/preocupacao-era-integridade-fisica-diz-pai-que-buscou-filho-em-protesto.html>> Acesso em: 10 jul 2014.

A ênfase na atitude do pai pareceu emblemática, por se dar em um contexto marcado por tensões políticas e demanda de garantia de ordem social, que estavam expressas no aparato policial presente nas ruas, bem como na narrativa midiática que priorizava uma cobertura jornalística centrada em elementos positivos relacionados à Copa do Mundo. Autoridades policiais e/ou estatais, midiáticas (no plano discursivo) e, agora, familiares, entrelaçavam-se com o pano de fundo de manutenção da ordem social.

Diante de inúmeras questões decorrentes da realização da Copa do Mundo, por que analisar um determinado fato sob o ângulo das relações de gênero? Ao abordar tais questões a partir da perspectiva teórica adotada, visualiza-se que a ordem social, principalmente em seus aspectos políticos e econômicos, concentra privilégios em torno do universo masculinizado. As relações de gênero não ocupam lugar de menor importância na manutenção dos padrões ou mesmo nas suas transformações; ao contrário, o gênero exerce papel ativo nas relações sociais e, portanto, uma dada ordem social se reforça quando interpela os indivíduos a agirem de acordo com determinados parâmetros.

Vários aspectos de gênero poderiam ser objeto de análise, a exemplo do universo masculinizado representado pelo campeonato mundial, onde somente homens competem entre si, carregando emblemas de nacionalidade, onde as instituições que detêm poder sobre o evento são administradas por homens; ou a própria forma como a mulher brasileira foi representada e apresentada como objeto de consumo para turistas estrangeiros; mas o fato escolhido, um dentre vários ocorridos durante a realização do evento, reúne elementos para pensar como as questões de gênero produzem práticas sociais inter-relacionadas com as instituições.

Embora tenha sido um fato bastante noticiado, pouco se refletiu teoricamente sobre os sentidos produzidos naquela situação. A maior parte das publicações destinava-se a divulgar o fato e muitos comentários feitos por usuários da internet demonstravam apoio à atitude do pai, considerada exemplar. Em poucas publicações digitais foi possível encontrar algumas reflexões sobre o fato, não apenas sua divulgação, associadas ao momento político e econômico vivenciado no país. Como afirmou Cortez (2014), tratava-se “muito mais do que um conflito de geração, um conflito de um país inteiro”. Moschkovich (2014) publicou uma breve análise sobre o fato, na qual apontava elementos políticos, econômicos e também de gênero para pensar a situação:

Se em tantas situações que vivemos, ou que nos foram veiculadas pela imprensa (independente ou de massas) nos últimos meses, foi possível ver esse choque de partículas, talvez poucas tenham sido tão simbólicas quanto a discussão entre um pai

e um adolescente – seu filho – ocorrida entre a manhã e a tarde de ontem em frente ao sindicato do metroviários, em São Paulo.

O choque mais óbvio é geracional – e se engana quem pensa que choque geracional não tem nada a ver com política. Em geral, os conflitos entre estilos e valores de diferentes gerações são resultado da experimentação de mundo diferentes e, se as mudanças estruturais nesse mundo são causadas pela relação entre política e cultura, façam aí as contas.

A efervescência da juventude em relação às manifestações mais recentes já foi atribuída por alguns analistas políticos ao fato de ser esta uma geração que cresceu no período de maior estabilidade econômica e com políticas de bem-estar social instaladas, por exemplo. Poucos ou nenhum dos jovens que estão nas ruas participou das Diretas Já (anos 1980), do Fora Collor (início dos anos 1990) ou das manifestações contra a globalização (2000). Nos protestos, a tensão entre os grupos mais jovens (sobretudo os que se propõem a atuar como *black bloc*) e os militantes com mais estrada é também gritante.

No vídeo, porém, a questão geracional é quase um pano de fundo para o choque de discursos e posicionamento que vemos hoje com nitidez dentro de um mesmo grupo social.

Os argumentos de Moschkovich são importantes para pensar que o exercício de autoridade do pai é carregado de concepções e projetos políticos para o país. A discussão entre pai e filho externava divergências de posições políticas e sinalizava um conflito entre manutenção da ordem e instabilidade política, bem como as maneiras como esta ordem se estabelece ou é enfrentada. Conforme será visualizado adiante, a geração do pai carrega a ideia do acesso aos serviços públicos através da iniciativa privada e que o exercício de cidadania se expressa pela dimensão do consumo. A geração do jovem Renan, no entanto, vai às ruas questionar tal modelo e o fato causa estranheza, justamente por ser um país no qual a prática de luta política como meio de expansão da esfera pública não é tão massiva.

2 A figura de autoridade paterna e as relações de gênero como estrutura da prática social

Raewyn Connel (1987; 2003; 2009) compreende as relações de gênero como uma forma de estrutura da prática social. A partir da sua perspectiva teórica, é possível pensar a experiência marcada pelo gênero, em um constante vínculo entre indivíduo e relações sociais. Para a autora, as relações de gênero são um tipo específico de estrutura das práticas sociais, mas não o são de maneira isolada. O gênero atravessa o conjunto da vida social e esta se apoia, a todo tempo, nas classificações de gênero produzidas socialmente. Nas palavras de Connel (2003, p. 99),

[...] as práticas que se refletem no corpo e dele derivam não se dão no interior dos indivíduos. Envolvem relações sociais e símbolos; e também podem envolver instituições sociais em grande escala. [...] Graças às práticas que se refletem no corpo e dele derivam não só se formam vidas particulares, mas também o mundo social.⁶

Considerando as diversas formas como gênero pode ser compreendido, a proposta de Connel nos parece bastante pertinente, pois o compreende como multidimensional e, neste sentido, articulado com todas as dimensões da vida social, mesmo quando tal relação assume uma forma contraditória. Em sua definição (2009, p. 11):

Gênero é a estrutura das relações sociais que se centra na arena reprodutiva, e o conjunto de práticas que produzem distinções reprodutivas entre corpos nos processos sociais. [...] Gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional; não é apenas sobre identidade, ou apenas sobre trabalho, ou apenas sobre poder, ou apenas sobre sexualidade, mas todas essas coisas ao mesmo tempo. Padrões de gênero podem diferir fortemente de um contexto cultural para outro, mas ainda assim são 'gênero'. Arranjos de gênero são reproduzidos socialmente (não biologicamente) pelo poder das estruturas de moldar a ação individual, deste modo frequentemente eles parecem imutáveis. Já que os arranjos de gênero estão, de fato, sempre mudando, como prática humana cria novas situações e como estrutura desenvolve tendências de crise.⁷

Uma das noções desenvolvidas pela autora é a concepção da experiência do corpo referenciada pelo gênero considerando sua materialidade, ou seja, o corpo porta simbologias que são construídas a partir do mundo social, mas disso não decorre que se constitua apenas como discurso (CONNEL, 2003, p. 99):

A semiótica social do gênero, com sua ênfase no interminável jogo de significado, da multiplicidade do discurso e a diversidade das posições do sujeito, tem sido muito importante para escapar da rigidez do determinismo biológico. Entretanto, não devemos ficar com a impressão de que o gênero é como uma folha no outono, que se move com qualquer ligeira brisa. As práticas que se refletem no corpo e derivam dele formam – e se formam por – estruturas que têm peso e solidez históricos. O social possui sua própria realidade.⁸

Para Connel, se o gênero é uma estrutura que deve ser pensada em si, não como simples derivação de outras estruturas, não deve ser dissociado das demais relações sociais. Em suas palavras:

Por muitos propósitos, nós precisamos tratar o gênero como uma estrutura em si. Devemos evitar colapsá-lo em outras categorias, tratando-o como efeito de alguma outra realidade (como costuma ser feito com classe e, agora, às vezes, com

⁶ Original em espanhol.

⁷ Original em inglês.

⁸ Original em espanhol.

discurso). Mas, para ter uma adequada compreensão da vida humana, nós também devemos lembrar que relações de gênero sempre funcionam em um contexto, sempre interagem com outras dinâmicas na vida social. (CONNEL, 2009, p. 87).

A socióloga sugere um modelo de análise, que considera pelo menos três eixos para pensar as relações de gênero: a) *relações de produção*, partindo do princípio que toda sociedade estabelece divisões de trabalho que expressam determinadas relações de gênero e, ao mesmo tempo, são justificadas por estas construções que instituem lugares socialmente concebidos segundo parâmetros de classificação de gênero. Em suas palavras (CONNEL, 2003, p. 113): “uma economia capitalista que se desenvolve através da divisão do trabalho baseada em gênero é, necessariamente, um processo de acumulação que também depende do gênero”⁹; b) *relações de poder*, através das quais é possível observar como determinados arranjos podem contribuir para conferir privilégios políticos e/ou de poder segundo classificações de gênero, produzindo desigualdades de condição; bem como podem ser analisadas configurações marcadas por instabilidades de tais relações e possíveis transformações; as justificativas para as correlações de poder são particulares a cada contexto social, mas todas elas se articulam, em alguma medida, aos modelos hegemônicos de gênero estabelecidos; c) *estrutura da cathexis*: diz respeito aos arranjos emocionais estabelecidos socialmente, que canalizam os desejos segundo determinados modelos e os legitimam a partir de discursos que tomam como pressuposto um dado padrão.¹⁰ A análise da dimensão da *cathexis* permite observar como os arranjos emocionais são construídos socialmente e reforçados pelas instituições. A noção hegemônica de desejo heterossexual, assim como os elementos que compõem a ideia de família, por exemplo, fazem parte da chamada estrutura da *cathexis*.

Os eixos sugeridos são pressupostos para pensar a dinâmica social a partir do contexto concreto analisado, ou seja, não se trata de conceitos estabelecidos *a priori* que descreveriam determinados processos sociais. Embora sejam específicos, devem ser pensados em constante articulação, ainda que esta venha se constituir de forma contraditória. São ferramentas para pensar, como indica a própria autora. Uma das características bastante enfatizadas no desenvolvimento teórico da autora é a historicidade das relações de gênero, que só pode ser apreendida quando se observam as particularidades existentes no contexto analisado.

⁹ Original em espanhol.

¹⁰ A noção é apropriada a partir da formulação freudiana, que compreende a *cathexis* como a energia vital direcionada a um objeto ou pessoa, podendo produzir afetividade ou hostilidade. Connel amplia esta noção, para compreender os arranjos emocionais e os estímulos dos desejos associados a determinados padrões em âmbito mais geral.

Se as relações de gênero são compreendidas como estruturantes da prática social, o são na medida em que se considera sua dinâmica, consistindo não somente nos aspectos de reprodução dos padrões, mas também nas práticas que os questionam ou que deles se afastam. Neste sentido, o pensamento de Connel se distingue de teorias que se baseiam em “papéis de gênero”, estes significando divisões sociais estabelecidas a partir de uma concepção de gênero como algo fixado, centrado no padrão “homem e mulher”. Como enfatiza a socióloga, uma definição baseada na dicotomia “homem x mulher” exclui diferenças, inclusive, entre mulheres e homens.

É importante observar que nem todas as relações de gênero são interações diretas entre mulheres de um lado e homens do outro. As relações podem ser indiretas – mediadas, por exemplo, pelo mercado, ou por tecnologias, tais como TV ou Internet. Relações entre homens, ou entre mulheres, podem ainda ser relações de gênero – tais como hierarquias de masculinidade entre homens. (CONNEL, 2009, p. 73).¹¹

Para a autora, gênero é um sistema histórico que diz respeito a relações sociais concretas, que variam social e culturalmente e, portanto, modelos teóricos que partem de universalizações tendem a entrar em contradição diante das inúmeras classificações de gênero construídas socialmente. Pensar eixos da vida social significa, por sua vez, considerar dimensões da organização social que possuem particularidades históricas, ainda que possam assimilar modelos hegemônicos reproduzidos mais globalmente.

Ao conjunto de práticas constituídas pelas relações de gênero, no interior de uma dada instituição, Connel denomina regime de gênero. Aos padrões de gêneros hegemônicos mais amplamente em uma sociedade, a autora denomina ordem de gênero. Regimes de gênero e ordem de gênero se articulam em um dado contexto social, através de um caráter dinâmico que pode não resultar em uma interligação coerente. Os corpos são considerados, simultaneamente, objetos e agentes da prática social. Através deles, constituem-se trajetórias pessoais, mas também estruturas sociais, num processo que a autora denomina de incorporação social (*social embodiment*).

O ato da ida do pai ao protesto é um exemplo de como regime de gênero e ordem de gênero podem se articular em uma dada situação. A rua, contexto social do fato, como nos lembra Connel (1987, p. 134), é um espaço marcado pelas posições de gênero. Na manifestação em questão, podemos observar várias masculinidades, situadas em diferentes hierarquias, interagindo no contexto. O aparato policial, masculinizado, expressava a autoridade estatal, um símbolo de “pai” que oferece segurança aos seus súditos, que teriam

¹¹ Original em inglês.

renunciado sua liberdade natural, ideário construído ao longo de séculos pela teoria política moderna.

Em contrapartida, esta autoridade já era confrontada a partir do momento em que a multidão vai às ruas expressar sua insatisfação. O nacionalismo, sentimento associado ao campeonato mundial, capaz de estabilizar determinados contextos políticos – e conferir adesão ao poder oficial –, estava fragilizado, tendo em vista que há um ano os protestos públicos questionavam a realização do evento no Brasil. A tensão se expressava fora dos estádios, mas também dentro deles, pois a chamada torcida brasileira era monitorada pelos olhares críticos, que atestavam sua falta de cumplicidade com a seleção oficial. É possível que o próprio clima de insatisfações, considerando suas várias vertentes, tenha conseguido ultrapassar as barreiras físicas que impediam o acesso aos estádios, caso não fosse torcedor credenciado.

Quando o garoto de dezesseis anos – idade que possui uma simbologia política no Brasil, por formalizar a participação eleitoral – decide ir à manifestação, foi sua identidade política que o motivou. No entanto, quando o pai se dirigiu ao ato público para retirar o filho, foi o regime de gênero representado pela instituição da família que se sobrepôs. É a autoridade paterna, expressando uma modalidade de hierarquia masculinizada, tão cara a uma cultura falocêntrica, quem assume relevo na situação. Na medida em que a autoridade estatal era contestada, através do confronto físico na via pública, o discurso da ordem apelava para a instituição da família. Nas palavras de Connel (2003, p. 117), “a principal característica da hegemonia é o êxito de seu recurso à autoridade, em vez de violência direta (embora a violência, muitas vezes, alicerce ou sustente a autoridade)”.¹²

O diálogo seguinte reproduz trechos da discussão entre pai e filho no ato público:

Pai: Ele é meu filho, ele é meu filho.

Renan: Eu estou no meu direito, deixa eu protestar.

Pai: Você é meu filho, você não foi criado pra isso, eu trabalho para te sustentar, não é pra você esconder a cara.¹³

Os eixos analíticos sugeridos por Connel também podem ser visualizados, em conjunto, em alguns momentos da situação analisada. Relações de produção, relações de poder e vínculos emocionais estão fortemente associados e, em alguns trechos das falas do pai, na manifestação, isso pode ser melhor visualizado:

¹² Original em espanhol.

¹³ “Preocupação era a integridade física”, diz pai que buscou filho em protesto. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/06/preocupacao-era-integridade-fisica-diz-pai-que-buscou-filho-em-protesto.html>> Acesso em: 10 jul 2014.

O pai tirou a camiseta do rosto do filho, dizendo: ‘Você não é criado para isso. Eu trabalho para te sustentar, não é para você esconder a cara’. E o filho respondia: ‘Eu quero escola, eu quero saúde. Deixa eu protestar. Minha avó quase morreu num hospital público. Você acha certo isso? Pelo amor de Deus, deixa eu correr atrás. Tanta gente morrendo. Deixa eu fazer a minha parte, ajudar um pouco. Eu sei que eu tenho 16 anos. Eu não vou me machucar, relaxa’. E o pai insistia: ‘Eu pago a sua escola. Eu e sua mãe trabalhamos para te sustentar. Vamos para casa, por favor, Renan. Você não vai mudar o mundo. Meu filho, você tem 16 anos, não é a hora agora. Eu te amo, cara. Você é meu filho. Eu estou pedindo demais? Renan, um passo de cada vez’. No fim, o adolescente foi convencido a ir para casa.¹⁴

Os trechos acima demonstram como as relações de gênero produzem a prática social e como os indivíduos, em suas experiências, são marcados pelo gênero. Em seu exercício de autoridade, o pai invoca os padrões construídos no interior da família, indiretamente mostra o quanto eles se relacionam com as demais instituições (a ideia de que o indivíduo que trabalha, ou que se sustenta, teria mais liberdade para decidir sobre sua vida), insistindo na ideia de que o filho teria o dever de reproduzi-los (“você é meu filho, não foi criado pra isso”). Por sua vez, o filho confere uma conotação política às experiências cotidianas, a exemplo do fato de a avó ter dificuldades no acesso ao sistema de saúde se constituir como um motivador da luta política. Mais uma vez, o argumento de Moschkovich (2014) é interessante para pensar no modelo político hegemônico existente no Brasil e como ele se expressa na tensão do discurso entre pai e filho:

Esse tipo de associação entre trabalho, renda e direitos é muito comum no Brasil e explica porque quase sempre enxergamos a condição de consumidor como sinônimo da condição de cidadão.

Afinal, depois de décadas de políticas que procuraram sucatear o sistema público por acreditarem em sistemas privados (o que vem com um tipo de pensamento que chamamos liberal, depois neoliberal), de fato nos sentimos mais humanos quando entramos na área VIP por termos grana do que quando enfrentamos filas pra beber água perto de um banheiro imundo. O problema é que essa associação é falaciosa.

Se falamos em direitos humanos e direitos de cidadania, é justamente para garantir que esses direitos não dependam de nenhum fator além da existência da pessoa nesta sociedade.

O pai do rapaz continua, dizendo que por ser seu filho, ele não teria sido ‘criado para isso’. No caso, ‘isso’ parece ter o sentido de militância política direta, nas ruas, como o menino fazia ali. Realmente, ao condicionar a cidadania à renda e ao consumo, o pai provavelmente não acredita que se deva ir às ruas para causar mudanças políticas.

[...]

O menino provavelmente tem acesso à saúde e educação privadas. Está em posição de privilégio social em relação à maioria da população brasileira, apenas por ser homem, branco e de classe média. Ainda assim, vai às ruas, sente que algo precisa mudar – mesmo que ele possa nem ter um projeto específico de como mudar (e que

¹⁴ Pai que tirou filho de protesto na rua de SP ganha apoio nas redes sociais. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2014/06/14/interna_brasil,510310/pai-que-tirou-filho-de-protesto-na-rua-de-sp-ganha-apoio-nas-redes-sociais.shtml> Acesso em: 20 jun 2014.

confunda um monte de conceitos como Estado/governo, etc). Ele vai às ruas pelo coletivo, porque lhe parece que há algo além desse destino individual de sucesso econômico-carreira-casamento-filhos-trabalho que se desenhou para ele, e que o pai espera que ele cumpra.

Onde a democracia não se fortalece, via expansão da arena pública, dilata-se o exercício de poder que concentra na iniciativa privada ou individual o meio para exercício de cidadania. Como pode ser observado acima, no processo de articulação entre as dimensões da vida social as relações de gênero não ocupam lugar de menor importância. Um dado modelo socioeconômico e político também se funda em determinados padrões de gênero. Em um contexto marcado pelo questionamento do *status quo* em vários níveis, os lugares de gênero esperados para uma reprodução da ordem social são também submetidos a tendências de crise.

A ideia de que as relações de gênero produzem práticas – e não somente reproduzem – é importante de ser destacada, pois a atitude do jovem expressa o momento de instabilidade no interior das instituições, quando os padrões não necessariamente são assimilados¹⁵. Mais uma vez, tomando como base o pensamento de Connel (2009, p. 74),

A estrutura das relações não decide mecanicamente como as pessoas ou grupos agem. Aquele é o erro do determinismo social, e ele não é mais justificável que o determinismo biológico. Mas uma estrutura de relações certamente define possibilidades e consequências para ação. [...] Neste sentido, estrutura social condiciona prática.¹⁶

Dada a visibilidade que o fato adquiriu, os detalhes noticiados criam uma oportunidade de vislumbrar como as relações estabelecidas no interior de uma instituição familiar possuem relevância para a esfera pública e política, possuem impacto para além do âmbito privado. Os protestos que vêm ocorrendo há cerca de um ano, no Brasil, conseguem expressar que um conjunto de condições socioeconômicas, políticas, culturais, tem um impacto na vida privada, a exemplo da instituição familiar, e a forma como esses indivíduos assimilam tais impactos pode rebater na esfera pública. Deve-se notar que a posição de classe social, concepções políticas, associadas às posições de gênero, direcionam os indivíduos para determinadas posições. Renan, filho de trabalhadores, se integra à massa urbana que vê a participação política como um elemento necessário para a instauração de uma nova ordem. O

¹⁵ Conforme será discutido adiante, o jovem se retira do protesto, conforme a vontade do pai, mas reafirma sua identificação política indicando que continuará participando de protestos.

¹⁶ Original em inglês.

que se destaca como uma discussão entre pai e filho – o que também é parte da situação – possui um pano de fundo de concepções distintas de projetos políticos para o país.

Na ‘torcida’ da direita para que o pai ‘derrotasse’ o filho, ficaram muito claros o ódio político, dirigido contra quem vai às ruas protestar por um mundo melhor, e o preconceito etarista (de idade), como se o pai tivesse intrinsecamente razão em tudo apenas por ser mais velho e exercer um papel de dominação sobre o filho. Alguns argumentaram que o discurso do filho era originado por ‘lavagem cerebral’, como se o ‘normal’ fosse aceitar o mundo como ele é, com todas as suas opressões e injustiças, e a adesão a discursos pró-justiça fosse algo ‘ruim’.[...] Ali estiveram presentes vários conflitos ao mesmo tempo: de geração, de ideologias, de mudança ou conservação social, de família, de tradições, de valores, de desejos, de políticas públicas, de sistemas socioeconômicos desejados etc.¹⁷

A matéria realizada na residência da família também expressava padrões de autoridade segundo classificações de gênero. Da mesma forma que a ideia de pátria é concebida como a mãe acolhedora e o estado seria o pai que representa a força, a narrativa da matéria jornalística do programa *Fantástico* aborda a atitude dos pais ao expressar padrões culturalmente concebidos sobre posições de maternidade ou paternidade.

O universo da figura da mãe é explorado pelas suas dimensões afetivas, intuitivas, mais subjetivas. É a mãe quem, intuitivamente, supõe que o filho poderia estar na manifestação e, ao vê-lo na transmissão televisiva em tempo real, o reconhece pela roupa que usava – evidenciando a presença das mulheres no gerenciamento das atividades domésticas, o que compreende um olhar minucioso aos detalhes referentes à casa ou cuidados com os membros familiares. É a figura materna quem busca acolher, até certo ponto, a participação política do filho: “É, enquanto a gente vê que tem muito adolescente que não tá nem aí pra o que tá acontecendo, nós temos um em casa que tá totalmente preocupado com o que tá acontecendo ao nosso redor, né?”¹⁸. É a mãe quem também afirma já ter acompanhado o filho em uma manifestação que pautava a questão do transporte público, realizada em 2013. Este é um ponto importante, pois a presença da mãe na manifestação é relacionada a uma situação pacífica, ou seja, aquilo que não seria considerado como uma ameaça à ordem social.

Renan: No movimento do passe livre, dos vinte centavos, minha mãe chegou até a ir em manifestações comigo.

Mãe: É, quando era aquela coisa pacífica, né? Eu vendo esse protesto, eu achei que ele já se descaracterizou. Ele já se perdeu.

¹⁷ Pai conservador discute com filho que quer mundo melhor em protesto em São Paulo. Disponível em: <<http://consciencia.blog.br/2014/06/pai-conservador-discute-filho-quer-mundo-melhor-em-protesto-em-sao-paulo.html#.U-WNGfldVzU>> Acesso em: 10 jul 2014.

¹⁸ “Preocupação era a integridade física”, diz pai que buscou filho em protesto. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/06/preocupacao-era-integridade-fisica-diz-pai-que-buscou-filho-em-protesto.html>> Acesso em: 10 jul 2014.

Pai: A partir do momento que cobre o rosto e parte pro vandalismo, eu sou totalmente contrário, eu sou totalmente contrário. Não foi essa educação que a gente deu pra ele.¹⁹

A figura do pai é associada à autoridade e ordem. Ao ser questionado sobre o que o motivou a ir ao protesto, afirma que era a integridade física do filho o que lhe preocupava. Embora pai e mãe tenham ido juntos ao protesto, é ele quem argumenta publicamente na tentativa de fazer o filho voltar para casa – um detalhe que nos lembra que a esfera pública é concebida historicamente como o lugar da participação masculina. A família é composta de quatro membros: pai, mãe, filho de 16 anos e filha de 11 anos. Em nenhum momento, nem sob pretexto de questionar como a adolescente assimilou todo o fato repercutido na mídia, a filha é abordada na matéria. Ela compunha o cenário familiar e as cenas a registram em silêncio, o que também parece emblemático para pensar o processo de socialização dos filhos, marcados pelas relações de gênero, que delimita o espaço público para filhos homens e o privado para filhas mulheres.

Integridade física e rebeldia, emblemas de pai e filho, respectivamente. Masculinidades contrapostas diante de um fato. Em um contexto de tensões políticas, é possível visualizar que as relações de gênero não estão dissociadas dos demais fenômenos sociais, ao contrário, os constituem ativamente. Na situação analisada, pais e filho expressavam os dois lados principais da tensão: a ideia da educação transmitida de modo a reproduzir os padrões estabelecidos, a ordem social; e a ideia de rebeldia do filho, expressa pela motivação de dar continuidade à participação política.

Pai: Não é você que vai mudar o mundo meu filho.

Renan: Mas eu tento, eu tô fazendo a minha parte.

[...]

Renan: Eu vou fazer o quê, deixar passar da hora? Eu quero uma coisa digna.

Pai: Não vai passar da hora.

[...]

Renan: O que eu faço é de uma forma rebelde. Meu pai não gosta de rebeldia.

Fantástico: Você não vai desistir do seu filho?

Mãe: Não, eu já falei isso pra ele. Aconteça o que acontecer, eu não desisto dele.

Fantástico: Você confia na educação que eles estão te dando?

Renan: Confio. Querendo ou não, é pai e mãe. Eles estão sempre certos.

[...]

Fantástico: O que você pretende dizer a eles em relação a isso se você já viu o susto e o sufoco que eles passaram vendo você ali?

Renan: Meu, pra mudar isso aqui, eu faço tudo.

¹⁹ “Preocupação era a integridade física”, diz pai que buscou filho em protesto. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/06/preocupacao-era-integridade-fisica-diz-pai-que-buscou-filho-em-protesto.html>> Acesso em: 10 jul 2014.

Fantástico: É, então é complicado.
Pai: É complicado.²⁰

O desfecho da matéria atesta claramente a posição da mídia enquanto propagadora de uma ideologia e sua tomada de partido em defesa da ordem, incluindo o fato de a última palavra ser dada ao pai. É notável também que a posição contra-hegemônica do filho se mantém ao longo da matéria e provoca um ruído rebelde no discurso de apelo à autoridade orquestrado pelo programa televisivo de um canal com uma das maiores audiências do país.

3 Considerações Finais

*“Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoia
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa”
(Cálice – Chico Buarque)*

“Verás que um filho teu não foge à luta”. O trecho do hino nacional utilizado no título do texto serve como uma metáfora para expressar a ambiguidade explorada no fato ao longo do texto. O hino nacional, forte simbologia de construção identitária do Estado, invoca uma ideia de cidadania que requer de seus membros o voluntarismo em defesa dos pressupostos que compõem o ideal de pátria que, por sua vez, não é algo consensual na prática. Pressupõe-se a obediência dos “filhos da pátria”, assim como se deduz ao poder paterno. Tais “filhos”, no entanto, compõem um universo permeado de contradições, conflitos, e mesmo diante de um evento como a Copa do Mundo, que evoca – e quase convoca - os sentimentos de nacionalismo dos indivíduos de maneira muito intensa, o discurso da ordem não foi capaz de dissolver tais contradições.

Projetos políticos em confronto alicerçavam a discussão entre pai e filho. Uma geração buscando reproduzir os padrões em que foi socializada, personalizada na figura do pai, e outra

²⁰ “Preocupação era a integridade física”, diz pai que buscou filho em protesto. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/06/preocupacao-era-integridade-fisica-diz-pai-que-buscou-filho-em-protesto.html>> Acesso em: 10 jul 2014.

que, embora muito jovem, “não foge à luta” por outros motivos, demonstrando na prática que a consolidação de uma democracia no Brasil é ainda um projeto em construção.

O conflito protagonizado pelos membros da família expressa uma pequena porção da conjuntura política, que tem sido marcada por tensões em vários níveis e diferentes interpretações; mas, sobretudo no plano político, elas têm se expressado com regularidade. Ao observar as dimensões que caracterizam o fato analisado, verifica-se que o gênero exerce papel ativo na dinâmica social e que não há ordem social, portanto, que se reforce ou seja contestada, sem passar também pela mediação das relações de gênero.

As simbologias que constroem os indivíduos mediante determinadas concepções de gênero não os dotam apenas de características distintas; elas constroem a ordem social, na medida em que as instituições se estruturam apoiadas por tais práticas. Diferenças e desigualdades são construídas socialmente em estreita relação com gênero. Neste sentido, compreender esta estreita articulação significa perceber que, não sendo aleatórios ao conjunto da vida social, os padrões de gênero funcionam como um sistema em si, que coexiste e exerce influência tanto quanto é influenciado pelas demais dimensões sociais. Nos termos de Connel (1987, p. 103), as relações de gênero não são um adendo ideológico da estrutura de classe; elas são um traço profundo dela.

A instituição da família, comumente, é mencionada pelos seus aspectos socioeconômicos, demográficos, e com menos frequência pela sua dimensão política. No entanto, em determinados contextos, as posições de gênero em uma família podem desempenhar papéis políticos relevantes, tornando mais perceptível sua força para atuar na manutenção ou enfrentamento de uma dada ordem social. No Brasil, a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” sinalizava a adesão das forças conservadoras ao projeto de ditadura militar no país. Recentemente, forças políticas conservadoras tentaram reeditar a “Marcha da Família” como forma de publicizar seu projeto descomprometido com causas populares ou democratizantes. Por outro lado, as “Mães da Praça de Maio”, na Argentina, até hoje exercem um papel político de resistência pelos presos políticos desaparecidos durante o período de regime militar naquele país.

O Brasil, pelo seu processo de constituição histórica marcada pela forte presença da estrutura patriarcal, seja pelas relações de colonização ou pela forte presença da instituição da igreja católica, tem na família uma forte simbologia associada à ordem ou poder oficial. A ordem de gênero está historicamente constituída por elementos de paternalismo e patriarcalismo. Na maioria das vezes, esses elementos têm reforçado uma lógica de

dominação, que é econômica, política, mas também expressa uma ideologia de autoridade masculina.

Ao tomar o exemplo do fato analisado como uma metáfora para compreender a ordem social, a partir de um olhar das relações de gênero, buscou-se demonstrar que todo exercício de poder, autoridade, bem como seus mecanismos de contestação, funcionam ao lado de um sistema de gênero. A bem sucedida autoridade do pai, naquela situação, pode servir como uma metáfora para um conjunto maior de relações, onde a hegemonia masculina pode ser verificada em maior ou menor grau. O ruído provocado pelo filho, no entanto, pode igualmente servir como metáfora para expressar uma instabilidade constituída por reivindicações surgidas em vários lugares do país. Até que ponto este ruído pode sinalizar tendências mais profundas de mudanças sociais, ainda não é possível visualizar. O que se pode afirmar, no entanto, é que uma massa numerosa de jovens tem aparecido de maneira ativa na cena política do país, os filhos e filhas de várias famílias brasileiras.

Referências

CONNEL. R. *Gender in world perspective*. Cambridge: Polity Press, 2009.

_____. *Gender & Power: society, the person and sexual politics*. California: Stanford University Press, 1987.

_____. *Masculinidades*. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2003.

CORTEZ, Glauco. *O conflito de um país inteiro: impressionante diálogo entre filho e o pai que tenta tirá-lo dos protestos*. Disponível em: <<http://cartacampinas.com.br/2014/06/o-impressionante-dialogo-entre-filho-e-o-pai-que-tenta-tira-lo-dos-protestos>> Acesso em: 20 jun 2014.

MOSCHKOVICH, Marília. *Pai e filho discutindo em meio a protesto é assunto seu*. Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/pai-e-filho-discutindo-em-meio-a-protesto-e-assunto-seu/>> Acesso em: 20 jun 2014.

SCALON, Celi. *Juventude, igualdade e protestos*. Revista Brasileira de Sociologia. Vol 01, n. 02. Jul/Dez 2013.